


**EXPERIÊNCIA DE ESTUDANTES DE ODONTOLOGIA SOBRE A CONVIVÊNCIA COM
UM COLEGA COM SURDEZ**

DENTISTRY STUDENTS EXPERIENCE OF LIVING WITH A DEAF COLLEAGUE

**LA EXPERIENCIA DE LOS ESTUDIANTES DE ODONTOLOGÍA AL CONVIVIR CON
UN COLEGA SORDO**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n8-259>

Data de submissão: 28/07/2025

Data de publicação: 28/08/2025

Adriana Benquerer Oliveira Palma

Doutora em Odontologia

Instituição: Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Centro Acadêmico
Afya UNIFIPMoc

E-mail: adriana.palma@unimontes.br

Fernanda Santos Noronha

Graduada em Odontologia

Instituição: Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

E-mail: fernandasannoronha@gmail.com

Gilvânia de Jesus Freitas Leite

Graduada em Odontologia

Instituição: Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

E-mail: gilvaniafreitaslil@gmail.com

Lavínia Mendes Santana

Graduada em Odontologia

Instituição: Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

E-mail: laviniamariapalma@gmail.com

Mariana Araújo Martins

Graduada em Odontologia

Instituição: Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

E-mail: marianamartinsodontologia@gmail.com

Pablano Micael Borges da Silva

Graduado em Odontologia

Instituição: Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

E-mail: pablianomicael@gmail.com

Lavínia Maria Benquerer Oliveira Palma

Graduada em Medicina

Instituição: Centro Acadêmico Afya UNIFIPMoc

E-mail: laviniamariapalma@gmail.com

Mirna Rossi Barbosa-Medeiros

Doutora em Ciências da Saúde

Instituição: Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

E-mail: mirna.medeiros@unimontes.br

RESUMO

Objetivo: Relatar a experiência de acadêmicos do 9º período da graduação em Odontologia, convivendo com um colega surdo, assim como seus desafios, percepções, adaptação à realidade do surdo utilizando diferentes recursos de comunicação, seus aprendizados e ganhos. **Métodos:** Estudo descritivo, do tipo relato de experiência, vivenciado por cinco acadêmicos do curso de Odontologia de uma universidade pública, sobre a convivência com estudante surdo durante a graduação. **Relato de experiência:** O contato com uma colega com surdez iniciou-se no primeiro período da graduação, em 2016. Logo de início, constatou-se uma grande dificuldade, uma vez que a maioria, senão todos os colegas, nunca tinha convivido com uma pessoa surda e, portanto, não sabia como estabelecer um vínculo adequado. Diante das limitações vivenciadas no convívio com a colega surda, os estudantes procuraram desenvolver habilidades para estabelecer uma comunicação mais efetiva. Dentre elas, o aprendizado de sinais da Língua Brasileira de Sinais, linguagem gestual, fala lenta e articulada para possibilitar a leitura labial, uso de mímicas e desenhos ilustrativos. **Considerações finais:** Esse estudo é relevante, pois proporciona conhecer as dificuldades e aprendizados adquiridos na experiência de acadêmicos de Odontologia que tiveram uma colega com surdez.

Palavras-chave: Surdez. Odontologia. Universidade. Estudantes.

ABSTRACT

Objective: To report the experience of students in the 9th period of their undergraduate course in Dentistry, living with a deaf colleague, as well as their challenges, perceptions, adaptation to the reality of deaf people using different communication resources, their learning, and gains. **Methods:** Descriptive study, an experience report, experienced by five students from the Dentistry course at a public university, about living with a deaf student during their undergraduate studies. **Experience report:** The contact with a deaf colleague develop skills to establish more effective communication. Among them, learning signs of the Brazilian Sign Language, sign language, slow and articulate speech to enable lip reading, use of mimes and illustrative drawings. **Final considerations:** This study is relevant, as it provides insight into the difficulties and lessons learned from the experience of Dentistry students who had a colleague with deafness.

Keywords: Deafness. Dentistry. University. Students.

RESUMEN

Objetivo: Relatar la experiencia de estudiantes del noveno período de la carrera de Licenciatura en Odontología, conviviendo con un colega sordo, así como sus desafíos, percepciones, adaptación a la realidad de las personas sordas utilizando diferentes recursos comunicativos, sus aprendizajes y logros. **Métodos:** Estudio descriptivo, relato de experiencia vivida por cinco estudiantes de la carrera de Odontología de una universidad pública, sobre la convivencia con un estudiante sordo durante sus estudios de pregrado. **Relato de experiencia:** El contacto con un colega sordo comenzó en el primer período de graduación, en 2016. Desde el principio hubo grandes dificultades, ya que la mayoría, si no todos, los colegas, nunca habían convivido con una persona sorda y por tanto no supo establecer un vínculo adecuado. Dadas las limitaciones experimentadas al interactuar con su colega sordo, los estudiantes buscaron desarrollar habilidades para establecer una comunicación más efectiva. Entre ellos, el aprendizaje de signos de la Lengua de Signos Brasileña, lengua de signos, habla lenta y

articulada para permitir la lectura de labios, uso de mimos y dibujos ilustrativos. Consideraciones finales: Este estudio es relevante, ya que permite conocer las dificultades y lecciones aprendidas de la experiencia de estudiantes de Odontología que tuvieron un colega con sordera.

Palabras clave: Sordera. Odontología. Universidade. Estudiantes.

1 INTRODUÇÃO

A surdez é a definição dada à impossibilidade ou dificuldade de ouvir. Ela pode ocorrer em graus variados e advir de etiologias diferentes. No Brasil, há 2,3 milhões de pessoas que declararam ter muita dificuldade ou perda total na audição. Segundo os últimos registros, a prevalência da surdez aumenta conforme a idade. Em contrapartida, quanto maior o grau de instrução, menor a frequência de pessoas com surdez compondo o grupo (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021).

O surdo pode apresentar algumas limitações quanto à utilização da língua portuguesa na modalidade oral. Diante disso, a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e seus recursos associados, como um meio legal de comunicação e expressão e decretou que as instituições públicas e as empresas concessionárias de serviços públicos devem garantir o atendimento e o tratamento adequados às pessoas com surdez, de acordo com as normas legais em vigor (BRASIL, 2002).

A inclusão social de pessoas com deficiência (PCDs) estabelece-se como fator essencial para o convívio. Para haver inclusão, a família e a sociedade devem adaptar-se às necessidades de todos os indivíduos, sejam eles PCDs ou não, a fim de que todos possam desenvolver e exercer sua cidadania, com autonomia e liberdade, direitos e deveres. As pessoas com surdez devem ser aceitas e respeitadas em suas diferenças, e a acessibilidade à comunicação deve ser garantida. Isto se dá através de intérprete e do conhecimento da LIBRAS por parte das pessoas de seu convívio (CHAVEIRO N e BARBOSA MA, 2005).

No Brasil, o acesso dos surdos à universidade vem crescendo a cada ano. O Programa de Acessibilidade na Educação Superior propõe, através de ações, o acesso integral de pessoas com deficiência às universidades, buscando assegurar a inclusão de todos os alunos em todos os níveis de ensino (BRASIL, 2013). Apesar do crescente aumento de interesse nas questões que envolvem a surdez, ainda ocorre a marginalização da população surda e falta de interesse popular em pautas de inclusão. Nesse contexto, frequentemente, os surdos se sentem “estrangeiros em seu próprio país” devido às diferenças linguísticas entre eles e os ouvintes, e refletem em uma barreira social, que inclui também a educação (SOUZA IP, et al., 2021).

As universidades devem acolher os alunos surdos e adequar a aprendizagem a eles, através do intérprete em sala de aula, currículo inclusivo e flexibilizar a avaliação escrita (OLIVEIRA FJC, et al., 2020). Para acolher a diversidade, o professor precisa estar aberto à mudança, deve demonstrar interesse pelo aprendizado do surdo, e adotar estratégias que favoreçam este aprendizado, como esclarecer o significado de palavras desconhecidas, disponibilizar materiais, considerar o tempo para

que o surdo faça os registros no caderno e volte a atenção à tradução do intérprete (OLIVEIRA et al. 2012; CORRÊA AMS, 2023).

A literatura registra estudos que apontam as experiências, perspectivas e entraves das PCDs no ensino superior (BATISTA L e NASCIMENTO EH, 2018; BARBOZA P e DORZIAT A, 2019; WELLICHAN DSP, et al., 2021), entretanto, não foram encontrados relatos que abordem as percepções de quem divide o mesmo espaço de ensino-aprendizagem com eles, ou seja, seus colegas.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é relatar a experiência de acadêmicos do 9º período da graduação em Odontologia, que conviveram com um colega surdo dentro da sala de aula, assim como os desafios, percepções, adaptação à realidade do surdo utilizando diferentes recursos de comunicação, os aprendizados e ganhos.

2 RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, vivenciado por cinco acadêmicos do curso de Odontologia de uma universidade pública, sobre a convivência com estudante com surdez durante a graduação. Este relato consiste em expor os sentimentos dos acadêmicos diante de uma colega surda, as dificuldades e aprendizados adquiridos durante a convivência em aulas teóricas, laboratoriais, além de implicações no aprendizado geral da turma, adequação dos professores e métodos de ensino.

O contato dos acadêmicos com uma colega com surdez iniciou-se no primeiro período da graduação, em 2016. Logo de início, constatou-se uma grande dificuldade, uma vez que a maioria, senão todos os colegas, nunca tinha convivido com uma pessoa surda e, portanto, não sabia como estabelecer um vínculo adequado.

Foram cometidas falhas na comunicação frequentemente, o que causava um sentimento de angústia devido à sensação de despreparo para lidar com essa situação. Em alguns momentos, a colega era chamada pelo nome, áudios eram enviados em grupos de Whatsapp dos quais ela participava, e diversas ligações eram feitas. Percebe-se, então, que ter um aluno surdo em um curso prático e dependente de comunicação entre acadêmicos, professores e pacientes, significaria provocar algumas desconstruções no processo de ensino-aprendizagem.

Embora a presença de um intérprete seja garantida por lei, em alguns momentos da graduação, a universidade não forneceu este profissional, devido à dificuldade na contratação. Como no curso de Odontologia existem diversos termos técnicos, longas aulas expositivas, análises microscópicas/anatômicas, com explicações através da fala e o uso de vídeos não legendados, os acadêmicos perceberam que essa ausência de um intérprete poderia acarretar prejuízos para a colega

surda. Todas essas limitações geraram uma sensação de incapacidade e despreparo, por sentirem que a colega não estava sendo bem acolhida, nem tinha um aproveitamento das aulas como os demais alunos.

A angústia ocasionada pelos entraves na comunicação despertou nos acadêmicos um desejo de superar os obstáculos e fazer adaptações, para que a colega pudesse compreender de forma mais efetiva o conteúdo ministrado pelos professores. Consequentemente, a comunicação passou a ser feita também pelo uso da escrita, evitou-se o envio de áudios pelo celular, e alguns acadêmicos começaram a aprender os sinais em LIBRAS. Além disso, a fala lenta e articulada para possibilitar a leitura labial, o uso de mímicas e desenhos ilustrativos também foram implementados. Os professores também desenvolveram novas estratégias, como legendar os vídeos, explicar de forma mais lenta, deixar os slides com frases explicativas e enviar materiais complementares. Observou-se que a mudança na didática dos professores beneficiou toda a turma, visto que, antes, muitos não disponibilizavam as aulas e materiais de estudo.

Mesmo após a contratação de um profissional intérprete, algumas dificuldades na comunicação entre os colegas ainda persistiam. Com isto, a intérprete se ofereceu para ensinar alguns sinais básicos da LIBRAS que poderiam facilitar a comunicação, como o alfabeto, números, cumprimentos, entre outros. Essa atitude despertou em alguns acadêmicos um maior interesse em aprender essa nova língua, favoreceu o entendimento de termos e a comunicação com a colega surda. O aprendizado destes sinais, para muitos colegas, não foi fácil, e era comum o esquecimento durante o período de férias, o que gerava novamente uma sensação de angústia. Isso ressalta a importância de manter o contato com surdos, ou com outros meios de uso de sinais, como músicas e vídeos.

Outra dificuldade observada nas aulas foi a presença de termos técnicos que não tinham sinais específicos ou eram desconhecidos, por não fazerem parte do vocabulário dos intérpretes. Por isso, a descrição desses termos nos slides das aulas e nos seminários aliada a uma apresentação mais lenta do conteúdo, facilitou o entendimento. Além disso, a intérprete utilizou a datilologia (alfabeto manual que permite soletrar as palavras) e, muitas vezes, criou sinais para facilitar a tradução.

Os professores da universidade perceberam que seria necessário adaptar a forma de ensinar, mesmo com a presença do intérprete, e com isso, utilizaram slides com mais ilustrações e textos, enviaram materiais complementares para tirar dúvidas com possibilidade de uma revisão posteriormente. Além disso, as aulas eram ministradas sempre em um ritmo mais lento a fim de possibilitar a tradução em LIBRAS pela intérprete.

As adaptações e reflexões sobre a necessidade de um acolhimento às pessoas surdas envolveram toda a equipe de Odontologia da universidade, desde acadêmicos e professores até

coordenadores e chefes de departamento do curso. Novas possibilidades de inclusão foram despertadas e divulgadas aos alunos, profissionais e à comunidade em geral, como por exemplo, a elaboração de Trabalhos de Conclusão de Período (TCPs) voltados para a temática da surdez. Os TCPs consistem em trabalhos acadêmicos, de caráter obrigatório, que são feitos e apresentados a cada período do curso de Odontologia, com o intuito de agregar conhecimentos e desenvolver habilidades na área científica. Com a inclusão da aluna surda na graduação, diversos temas dos TCPs foram voltados à abordagem de pessoas com surdez, incluindo colegas e pacientes. Um grupo ensinou a colocar legendas em vídeos educativos, outros mostraram formas de facilitar a comunicação em atendimentos odontológicos, sugerindo uso de placas ilustrativas com nomes e sinais usados frequentemente na clínica.

Na disciplina que envolve a assistência a pacientes com necessidades especiais, algumas pessoas surdas foram incluídas no atendimento. Isso gerou uma grande experiência para os acadêmicos e para os professores, além de proporcionar uma melhora na saúde bucal desses pacientes. Também foram realizados trabalhos educativos, dentre eles um vídeo sobre a abordagem odontológica ao paciente com surdez, que foi divulgado em redes sociais para ampliar este conhecimento.

Outro benefício proporcionado a partir da presença da colega surda no curso de odontologia foi a implementação de medidas de acessibilidade em LIBRAS, com a disponibilidade de intérpretes, nos eventos científicos odontológicos na cidade, o que não era usual.

No início de 2020, a educação passou por uma grande transformação, com o surgimento da pandemia da Covid-19, e com isso, um novo obstáculo foi vivenciado pelos estudantes. Como as aulas passaram a ser online, houve dificuldade na conexão e, quando a internet estava instável, as câmeras não apresentavam uma imagem nítida que favorecesse a compreensão dos sinais. Com isso, os professores adotaram novas estratégias, e passaram a enviar as gravações das aulas, o que favoreceu toda a turma, pois permitiu o acesso aos conteúdos e a tradução posteriormente.

Com o retorno dos atendimentos clínicos, ainda no momento pandêmico, o uso das máscaras e dos protetores faciais foi uma limitação importante, visto que estes acessórios criaram uma barreira na comunicação por meio da leitura labial. Muitos acadêmicos usavam este recurso e tiveram que buscar novas formas para se comunicar.

O fato de a turma ter uma necessidade de comunicação e interação com uma colega surda despertou o olhar para a inclusão. A convivência com pessoas com deficiência permitiu a compreensão do seu cotidiano, das suas dificuldades e da grande necessidade de integração social. Para os acadêmicos, autores deste relato, o contato com a colega surda reduziu as barreiras da comunicação e possibilitou um acolhimento mais qualificado e eficiente.

A presença de um surdo no curso de Odontologia abriu portas para mais pessoas com surdez sonharem com a inserção em um curso superior, inclusive nos que exigem atividades práticas. Isso quebra o paradigma de que é impossível um surdo se formar, trabalhar na área da saúde e alcançar seus objetivos.

Adicionalmente, a experiência vivida pelos acadêmicos trouxe muitos aprendizados durante os cinco anos de convivência com a colega. Sua presença os obrigou a sair de uma zona de conforto, buscar meios de se comunicar e os fez enxergar que a inclusão é extremamente necessária no âmbito acadêmico e profissional.

3 DISCUSSÃO

Com o aumento do número de vagas em universidades públicas e privadas e, devido ao início dos movimentos surdos brasileiros, em meados da década de 90, ocorreu um desenvolvimento de propostas na educação bilíngue para surdos e desenvolvimento de políticas públicas de inclusão para pessoas em diferentes contextos sociais. Em virtude disso, notou-se o aumento do acesso e a participação de pessoas com deficiência, como a surdez nas universidades (SANCHES IR e SILVA PB, 2019).

Diversas iniciativas governamentais têm sido implementadas para promover a inclusão de pessoas surdas no ensino superior. Entretanto, o ingresso de um estudante surdo em um curso de Odontologia ainda é bastante complexo. Entre os motivos, estão a carência de termos odontológicos em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), a falta de preparo dos professores e a comunicação entre os colegas e pacientes (SILVA LS, et al., 2018). Pensar em inclusão, nessa situação, remete a uma quebra no paradigma educacional e no método tradicional de ensino.

A Lei nº 10.436 de 24/04/2002 dispõe sobre a LIBRAS como um meio de comunicação com pessoas surdas. A institucionalização dessa forma de comunicação não tem apenas repercussões linguísticas e cognitivas, mas também apresenta impactos sociais, pois oferece uma possibilidade de legitimação do surdo. A LIBRAS é a segunda língua oficial do Brasil, contudo são poucos os professores e acadêmicos que possuem domínio dessa forma de comunicação (SOUZA et al., 2018). De fato, neste cenário vivenciado, nenhum professor e nem os colegas estavam preparados para estabelecer vínculo, o que dificultou, a princípio, a comunicação interpessoal.

Por esta razão, o decreto 5.626/2005, que veio regulamentar e definir uma série de ações a respeito da educação bilíngue, trouxe disposições importantes sobre a garantia do direito à educação das pessoas surdas, dentre elas a afirmação de que as instituições federais de ensino superior devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de intérprete de Libras em espaços educacionais (BRASIL,

2005). A presença desse profissional favorece a comunicação entre o professor e o aluno surdo e pode desenvolver meios de ensino que favoreçam o aprendizado (DORZIAT A e ARAÚJO JR, 2012; FUMES NL, et al., 2020). Além disso, a presença do intérprete/tradutor possibilita a comunicação interpessoal do surdo com os demais colegas.

O intérprete é fundamental para a inclusão do surdo no ambiente universitário, contudo, esse profissional pode encontrar dificuldades na tradução das aulas, devido à ausência de termos técnicos odontológicos específicos em LIBRAS (DORZIAT A e ARAÚJO JR, 2012; SILVA LS, et al., 2018). Importante destacar ainda que o papel do intérprete vai além da tradução entre as línguas. Este profissional deve conhecer o perfil do estudante surdo, selecionar as melhores estratégias linguísticas, conforme a didática do professor, e ainda, promover interações discursivas entre surdos e ouvintes que vão levar à produção do conhecimento (GOMES EA e VALADÃO MN, 2020).

Além do profissional intérprete, o uso da Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs) é primordial como uma forma de interação interpessoal. Diversos aplicativos traduzem as palavras em sinais da LIBRAS e outros geram legendas de vídeos e conversas, facilitando a inclusão social da pessoa surda e que melhoram a comunicação, interação e acolhimento (BERNARDO LA, et al., 2021).

A inclusão de pessoas com surdez no ensino superior é um benefício concedido não apenas ao próprio surdo, mas também aos ouvintes, pois permite desenvolver a capacidade de se colocar no lugar do outro, entender suas dificuldades, e a importância da acessibilidade comunicativa. A convivência despertou nos acadêmicos o desejo de conhecer um pouco mais da língua oficial da pessoa surda. Aprender LIBRAS, ainda que sem fluência, aproxima as pessoas surdas e ouvintes, e possibilita uma comunicação interpessoal mais empática (BARBOZA P et al., 2020; BERNARDO LA, et al., 2021).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo proporcionou conhecer as dificuldades e os aprendizados encontrados pelos acadêmicos de odontologia que tiveram uma colega com surdez. A experiência única vivenciada pelos acadêmicos, permitiu a observação de que as dificuldades ao se relacionar com um surdo são amplas, sendo a compreensão da linguagem a principal limitação. Nesse sentido, incluir-se à comunidade surda é um diferencial na formação acadêmica, pois possibilita o desenvolvimento da capacidade crítica, reflexiva e de compromisso social. Consequentemente, esse contato com a colega surda despertou o interesse da turma pela inserção e acolhimento, estudo da LIBRAS e formas de driblar essa barreira na comunicação. O crescimento adquirido durante esses anos acrescentou muito na experiência e vivência, trazendo uma especificidade da turma para, no futuro, atender os pacientes surdos com uma abordagem mais humanizada e integral.

REFERÊNCIAS

BARBOZA, P.; DORZIAT, A. Apontamentos sobre o processo educacional de estudantes surdos universitários: o que narram docentes? Revista Cocar, 2019; 13 (25): 437-457.

BARBOZA P, DORZIAT A, TAVARES F. Pessoas Surdas no Ensino Superior: percepções de estudante surdo, estudante surda e professoras ouvintes sobre o processo educacional Revista de Educação, Ciência e Cultura, 2020; 25 (2): 97-112.

BATISTA L, NASCIMENTO EH. A deficiência vai à universidade: perspectivas e entraves do processo inclusivo na educação superior brasileira. Educação Unisinos, 2018; 22(2): 120-127.

BERNARDO LA, et al. Potências e limites no cotidiano da formação acadêmica no cuidado à saúde da pessoa surda. Escola Anna Nery, 2021; 25(3): 1-8.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras, e o art.18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. 2005. Disponível em: xxx. Acessado em: 25 de setembro de 2021.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. 2002. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.html. Acessado em: 13 de setembro de 2021.

BRASIL. Documento Orientador Programa Incluir - Acessibilidade Na Educação Superior Secadi/Sesu-2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-incluir>. Acessado em: 25 de setembro de 2021.

CHAVEIRO N, BARBOSA MA. Assistência ao surdo na área de saúde como fator de inclusão social. Revista da Escola de Enfermagem da Usp, 2005; 39(4): 417-422.

CORRÊA AMS. Inclusão nas aulas do ensino superior na percepção dos universitários surdos. Ensaios Pedagógicos, 2023; 7(2): 7-19.

DORZIAT A, ARAÚJO JR. O Intérprete de Língua de Sinais no Contexto da Educação Inclusiva: o Pronunciado e o Executado. Revista Brasileira Educação Especial, 2012; 18 (3): 391-410.

FUMES NL, et al. Reconstruindo a relação professor e intérprete de LIBRAS na educação superior: contribuições da colaboração. Humanidades & Inovação, 2020; 7(26): 245-258.

GOMES EA, VALADÃO MN. Tradução e interpretação educacional de LIBRAS-Língua Portuguesa no ensino superior: desdobramentos de uma atuação. Trabalhos em Linguística Aplicada, 2020; 59(1): 601-22.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional de Saúde 2019: ciclos de vida. 2021. Disponível em: <https://www.pns.icict.fiocruz.br/wp-content/uploads/2021/12/liv101846.pdf>. Acessado em: 15 de fevereiro de 2024.

OLIVEIRA, YCA, et al. Brazilian sign language in the training of nursing, physiotherapy and dentistry professionals in the state of Paraíba, Brazil. *Interface - Comunic., Saude, Educ.*, 2012, 16 (43): 995-1008.

OLIVEIRA FJC, et al. The inclusion of deaf students: Access and stay in the university. *Brazilian Journal of Development*, 2020; 6(5), 28095–28110.

SANCHES IR, SILVA PB. A inclusão de estudantes surdos no ensino superior brasileiro: o caso de um curso de Pedagogia. *Revista Portuguesa de Educação*, 2019; 32(1): 155-172.

SILVA LS, et al. Sinais específicos em Libras para o ensino odontológico. *Revista da Abeno*, 2018; 18(2): 135-143.

SOUZA G DE; MONTENEGRO LC; SOUZA R DE. A língua brasileira de sinais: um instrumento para inclusão social de surdos nos serviços de saúde. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 8, n. 1, p. 834-840, 5 dez. 2018.

SOUZA IP, et al. Mitos sobre a surdez no imaginário de alunos jovens e adultos de uma escola inclusiva bilíngue. *Revista Diálogos E Perspectivas Em Educação Especial*, 2021; 8(1): 143-154.

WELLICHAN, et al. Biblioteca na vida acadêmica de um estudante surdo: um relato de experiência. *InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, 2021; 12(2): 284-304.